

FCPF

magazine

EDIÇÃO 74 | OUTUBRO 2022

FC PAÇOS DE FERREIRA



VITÓRIA SC

JORNADA 9 | 8 OUT. 2022 | 20:30

EDITORIAL

NÚMERO 74 - OUTUBRO 2022

textos:

Sara Alves

fotos:

Telmo Mendes

design:

Liff

impressão:

PaçoPrint

circagem:

1000

distribuição:

Gratuita

TAMBÉM PODES LER A FCPF MAGAZINE ONLINE:



segue o paços



FC PAÇOS DE FERREIRA
RUA DO ESTÁDIO, 95
4590-571, PAÇOS DE FERREIRA

MARKETING@FCPF.PT

www.fcpf.pt

O FC Paços de Ferreira atravessa um dos momentos desportivos menos positivos da sua brilhante história na I Liga portuguesa. Haverá razões objetivas para que tal esteja a acontecer, mas nas veias pacenses corre o sangue do «Guerreiro da Citânia», que superou todas as adversidades do tempo para chegar “vivo” aos nossos dias. É esse o espírito que os atletas, treinadores, funcionários, sócios e adeptos têm de transportar para dentro da fortaleza da Mata Real, e começar já esta noite a inverter a tendência, conquistando a primeira vitória da temporada. O Paços já passou por outras situações difíceis e soube sair delas por cima e, ao fim de oito jornadas, temos a plena convicção de que vai suceder mais uma vez. Para tal, é necessária a total convergência numa atitude de garra, entrega e luta permanente pela vitória - os predicados que solidificaram o slogan «Jogar à Paços!».

O jogo desta noite é frente ao Vitória de Guimarães, um velho conhecido e com o qual travamos sempre jogos muito renhidos e de grande vibração nas bancadas. Relembramos com nostalgia alguns dos triunfos sobre a equipa vitoriana e o quanto tal pode representar para o Paços nesta Liga. Com um espírito otimista e a disponibilidade total dos nossos atletas, vamos conseguir!

A entrevista de destaque vai hoje para um atleta das modalidades pacenses. João Sousa, “Slimani”, é uma das figuras da equipa de futsal, que teve uma entrada triunfante no Campeonato Nacional da II Divisão. Slimani, o jovem pivot de 25 anos, é o atual melhor marcador da prova e falou à «FCPF Magazine» sobre a sua opção pela modalidade e o sentimento de vestir a camisola pacense, para além de outras revelações sobre o mundo do futsal. O futebol feminino é uma realidade consolidada no FC Paços de Ferreira. Numa altura em que a modalidade foi abalada por casos graves noutros Clubes, vale a pena perceber a importância que a mesma tem para muitas jovens, que têm os seus sonhos num mundo no qual adquiriram lugar por mérito próprio.

Nesta edição celebramos também o 49º aniversário da inauguração do Estádio da Mata Real. Um espaço mítico para o Clube, que sofreu grandes melhorias ao longo das décadas e que continua a registar momentos de grande alegria, como o que esperamos viver esta noite.

Força Paços!

PAULO GONCALVES
SECRETÁRIO TÉCNICO

JOÃO SOUSA

"O MEU SONHO? JOGAR PELO PAÇOS NA I DIVISÃO"

Tem 25 anos, é natural de Matosinhos, e foi na equipa de futsal do FC Paços de Ferreira que voltou a ter a mesma sensação de quando era criança e fazia do rinque do bairro o maior dos palcos de futsal. O pivot João Sousa (conhecido por Slimani) cumpre esta temporada o seu segundo ano com a cruz dos templários ao peito, com a ambição no máximo e os objetivos bem definidos.

O que há ainda em comum entre o João que começou a jogar no Barranha SC e o João que joga agora no FC Paços de Ferreira?

A paixão por jogar futsal, sem dúvida alguma.

Começaste logo no futsal?

Sim, foi futsal desde o início. Houve só um ano, a meio da formação, em que fui até ao futebol.

E não te convenceu...

Não gostava de jogar nem à chuva nem ao frio, então preferi jogar futsal. [Risos] Não, simplesmente não gostei muito. Sempre estive habituado a jogar no rinque, lá onde eu morava. O campo era de futsal, então lá no bairro fomo-nos habituando a jogar assim.

Então vamos ao ponto de partida: com que idade é que começaste a jogar?

Tinha cerca de sete anos quando fui para o



Barranha, mas a partir dos quatro já andava com a bola. Eu jogava com os meus amigos no rinque do bairro, como disse, e havia sempre pessoas que paravam para nos ver jogar. E, na altura, o presidente do Barranha foi falar com os meus pais para ver se eu podia jogar no clube. Ou seja, não foi bem uma opção minha ir jogar para lá, eles é que me viram a mim e a alguns colegas e lá fomos. Formaram uma equipa de infantis, ainda éramos pequenos.

Como é que foi essa transição? Uma coisa era jogar na rua com os amigos, outra era jogar num clube.

No fundo, sempre jogamos da mesma maneira. O que jogávamos no rinque, jogávamos no pavilhão com toda a gente a ver. Foi muito tranquilo, não notei diferenças. O que nós queríamos era jogar à bola – fosse no rinque ou no pavilhão. A grande diferença era haver árbitros. Já não éramos nós a marcar as faltas, como no bairro. Já não era o



BRITO

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972

4 ENTREVISTA João Sousa

futebol de rua. Já não valia tudo. [Risos]

E quando é que se deu a tal mudança para o futebol?

Quando tinha uns 13 anos. Fiquei com curiosidade de experimentar. Dessa vez, partiu mesmo de mim. Como também gostava de ver futebol na televisão e no estádio, pensei em avançar com isso e fi-lo durante um aninho, no Leça do Balio. Era perto também, tudo à beira de casa. Só que, lá está, como o campo de futsal é mais pequeno, estamos muito tempo com a bola – e no futebol havia minutos em que eu nem a bola tinha. Além disto, era pequenino. Só cresci ali pelos 16/17 anos. Fui jogar a avançado e nem ganhava as bolas de cabeça. [Risos] Então desisti e voltei ao futsal do Barranha como Juvenil.

De facto, o futsal é um jogo mais rápido, há mais tempo com bola...

Há mais bola no chão. E no futebol, parecendo que não, o físico contava muito. Sendo pequenino, não tinha andamento para os outros. [Risos] Então preferi ir para o futsal outra vez, pois a bola está mais no chão e sempre me safava melhor. [Risos]

Foi depois dessa experiência que começaste a perceber que o futsal era realmente aquilo que querias? Já pensavas

num futuro que passasse pela modalidade?

Sim, sem dúvida nenhuma que aí percebi que o que eu gostava mesmo de jogar era futsal. Mas, para ser sincero, nunca criei grandes expectativas. Gostava de jogar com os meus amigos, simplesmente. Só por volta dos 19 anos é que comecei a perceber que poderia fazer algo mais no futsal, porque até lá eu só queria jogar com os meus amigos e ia para onde eles fossem.

Fizeste a tua formação quase toda no Barranha, e foi depois no CA Sangemil – onde chegaste ainda Júnior – que te estreaste como Sénior, na Divisão de Elite. Nessa fase, já não jogavas só com atletas da tua idade...

Mas continuei sem notar grande diferença, sinceramente, porque quando nós jogávamos no rinque não havia idades – tanto jogava com os mais novos como com os mais velhos. E mesmo quando estava nos Juniores do Sangemil fui muitas vezes aos Seniores, então já estava habituado. Posso dizer que a transição foi acontecendo. Não foi radical.

E em 2017/2018 abraças o desafio no Arsenal da Maia, na Segunda Divisão Nacional. Aí já foi outra coisa?

Foi! Aí foi. Eu estava na Divisão de Elite quando surgiu esse

convite para a II Divisão Nacional, então arrisquei. E arrisquei bem, porque fiz duas boas épocas. Num campeonato nacional já se notam as diferenças face aos campeonatos distritais, porque os jogos são muito mais pausados, não há tanta correria como na distrital. Temos de pensar muito mais, não é tão “estabaloado”, tipo bola cá-bola lá. E depois também já apanhamos equipas técnicas que trabalham muito as bolas paradas, os esquemas táticos... No distrital é mais “cinco para cada lado e vamos jogar”, como no rinque. Notei essa diferença. Havia muitas bolas paradas, muitos cantos, muitos livres e ao início era um bocado confuso decorar isso tudo. Mas vai lá com o tempo.

Em termos de números, o teu segundo ano destaca-se. Em 28 jogos, marcaste 37 golos. Foste o segundo melhor marcador da série na fase regular e na fase de manutenção. Esperavas que as tuas primeiras épocas numa divisão nacional fossem logo assim?

Não, eu pensava que o primeiro ano, por exemplo, ia ser uma experiência, em que me ia adaptando, mas correu bem. Também tínhamos um grupo forte que me acolheu da melhor forma, e tive a sorte de encontrar boas pessoas que me ajudaram – e ao fim ao cabo também as



ajudei, porque joguei bem e contribuí com alguns golos. Foram dois bons anos e gostei muito de jogar lá.

Mas no ano seguinte vais para o Maia Futsal, da Divisão de Honra. Uma divisão inferior.

Coincidiu com a altura em que saí da escola e comecei a trabalhar, mais ou menos. Então foi uma decisão minha motivada por questões pessoais. E nesse ano também houve um grande investimento feito pelo Maia Futsal, queriam subir, então foi um novo passo.

Também não foi uma época fácil, porque surgiu a pandemia.

Sim, nem acabamos a época.

O teu regresso à II Divisão Nacional acontece logo na temporada seguinte, 2020/2021, pelo Rio Ave. Época essa em que lutaram pelo acesso à I Divisão.

Os primeiros jogos que eu fiz foram para o play-off de subida à I Divisão. Isto porque o campeonato do ano anterior não tinha terminado por causa da COVID-19, ficou muita coisa por decidir, e como o Rio Ave tinha ficado em lugares de subida, teve de fazer um play-off juntamente com as outras equipas que estavam nessa luta para se ver quem subia efetivamente. Não conseguimos a subida, fizemos a época normal na II Divisão, e no final voltamos a disputar o play-off – já referente à época em que estávamos.

Depois de tantos meses sem competir e tantas indefinições, como foi estar de regresso?

Honestamente, esse foi o meu ano mais difícil. Apanhei um grupo que já se conhecia e eu fui sozinho. O treinador já conhecia alguns jogadores, também levou outros, e havia muitos grupos... Então, como fui sozinho, senti-me um bocado desamparado. Entretanto o tempo foi passando e era sempre o mesmo núcleo que jogava. Foi complicado.

MCOUTINHO



Ou seja, depois de uns meses difíceis, porque não competiste, ainda veio um ano que acabou por não ir ao encontro do que esperavas.

Precisamente. E logo nesse ano podia ter vindo para o Paços. Não vim, porque já tinha dado a palavra ao Rio Ave, quando o Paços me fez a abordagem. No entanto, agradei e disse que ficaria para uma outra altura. E foi no ano a seguir.

la perguntar, precisamente, como é que surgiu a abordagem do Paços.

É, tinha acontecido um ano antes de vir. Já me tinham dado boas indicações, já conhecia alguns jogadores e todos eles me deram excelentes referências. Foi tudo cinco estrelas. A melhor coisa que fiz foi ter vindo para o Paços, porque sinto-me em casa. Quando jogo com os meus colegas aqui, sinto-me como se estivesse a jogar com os meus amigos no bairro.

É dos maiores elogios que se podem fazer?

Sem dúvida. É a minha segunda família. Acolheram-me muito bem – e agora até já há mais jogadores lá do Porto e sou eu que os acolho. Aqui sempre me puseram muito à vontade, e eu também sou uma pessoa muito bem-disposta, então entrei sempre na onda deles. Quando cheguei, até era o único jogador fora do concelho, praticamente.

E isso deixou-te com algum receio de que fosses passar pelo mesmo que tinhas passado na temporada anterior?

Sim... Lembro-me de uma conversa com o Nelson Coelho (ala) em que lhe disse mesmo isso: “Tive um ano complicado no Rio Ave, não me quero meter noutra igual”. Mas ele deu-me a palavra dele, disse-me que estaria mesmo à vontade. Depois tive também referências do Abreu (guarda-redes). Falaram comigo e convenceram-me. E bem! [Risos] Mas não foi só isso que me convenceu a ficar – também foi o símbolo! Às vezes chego à minha terra com o fato de treino do clube vestido e dizem-me “Ei, jogas no Paços!”. Se calhar quem é daqui da cidade não tem essa percepção, mas fora daqui, quando olham para o símbolo, reagem dessa forma.

Achas que os atletas de fora têm uma noção diferente dos “da casa”, relativamente ao que é jogar no Paços?

Não é que os da casa não deem mais valor, não é que eles não

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

sintam – nada disso –, mas para eles deve ser algo mais normal, porque são de cá. Se eu jogasse lá numa equipa de Matosinhos talvez fosse igual. É diferente. Mas, sim, é um grande símbolo – e tudo junto teve o seu peso.

E o Paços é um clube “novo” nas andanças do futsal, mas conta já com um percurso bonito.

Por vezes as pessoas perguntam-me se eu jogo na I Divisão, porque olham para o emblema e pensam que o clube joga lá. Quem não está por dentro da modalidade pensa que jogamos na Liga Placard, simplesmente porque estamos a representar o Paços – e eles veem o Paços como um clube de primeira divisão. No futebol já o é, de facto. No futsal, estamos a trabalhar para isso.

Logo no teu primeiro ano como jogador do FC Paços de Ferreira, destacas-te como o melhor marcador da série, na fase regular. Adaptação fácil?

Fácil, fácil! Como disse, estar a jogar com eles e estar a jogar lá onde eu moro é exatamente igual. Temos um grupo muito forte – e, parecendo que não, isso é tudo. Acolheram-me bem, sinto-me bem aqui e as coisas correm-me bem também.

A relação entre vocês é algo que já referiste várias vezes. É um ótimo sinal.

Toda a gente que faz parte do departamento vê isso. No Paços não há grupos. Há um grupo: somos todos. Não deixamos ninguém de parte e ninguém se deixa ficar de parte. Não há “Não gosto deste, não gosto daquele”. E isso é meio caminho andando para que as coisas corram bem nos jogos. Para terem uma ideia, mantemos um grupo no WhatsApp com os colegas que saíram esta temporada. Vamos falando, eles desejam-nos sorte... Lá está, os jogadores vão, o clube fica e as amizades ficam também – e não é por eles terem tomado outras decisões que deixam de estar connosco. Se nós temos tido sucesso, eles também fazem parte disso. Este ano, por exemplo,

começamos bem o campeonato e eles têm-nos enchido de elogios. Para nós, ler essas coisas é ótimo, é sinal de reconhecimento.

Voltando aqui ao teu primeiro ano: a época passada foi de grande trabalho para toda a equipa. Qual foi o maior desafio?

Eu diria que desafiante é jogar com este símbolo ao peito. Esse é o maior desafio, porque quem joga com o emblema do Paços só pode pensar na vitória. Por vezes, as coisas não correm dessa forma, mas o maior desafio é jogar com esta camisola. Aqui há muita exigência. Como se diz, a camisola pesa mais uns quilos.

Talvez tivessem outra expectativa, no início. Sentes que foi um ano que serviu para crescer enquanto clube, atletas e equipa?

Sim. Poucos jogadores tinham jogado na II Divisão Nacional e, lá está, as coisas são diferentes. Foi um ano de aprendizagem e muito útil para esta nova época. Agora não somos surpreendidos tantas vezes por coisas mínimas – coisas essas a que não dávamos valor na altura, mas agora sim. E o treinador também nos vai chamando a atenção para vários pormenores e para certas coisas que agora temos aplicado.

Com o passar do tempo vai-se percebendo que há certos detalhes que fazem toda a diferença e antes nem dávamos por eles...

Sim, e fazem mesmo a diferença. Daí dizer que foi um ano importante de aprendizagem. Acho que nos dois jogos que fizemos esta temporada deu para perceber que evoluímos e que agora estamos mesmo preparados para lutar – quem sabe – pela subida à I Divisão.

Quais são as tuas expectativas para 2022/2023?

É subir à I Divisão. É o lugar do Paços. Tem de ser! Não quero jogar para a manutenção. Quero jogar para subir. Este deve ser o nosso espírito – ter sempre objetivos acima.



8 ENTREVISTA João Sousa

Para quem não está muito habituado a acompanhar o futsal, como é que describes o Campeonato Nacional da II Divisão?

Posso dizer que é provavelmente mais competitivo do que a própria I Divisão. Tem muitas equipas boas. Agora são duas séries (Norte e Sul), antes eram sete ou oito, e isso torna as coisas ainda mais difíceis, porque são menos equipas. Além disso, já vês equipas da II Divisão que são profissionais e com jogadores de primeira, então é muito complicado. A cada ano que passa, as divisões ficam cada vez mais difíceis e a margem de erro é menor.

Ou seja, a cada edição há mais equipas a apostar forte no futsal, sem esquecer ainda aquelas que descem da Liga Placard.

E este ano a Liga Placard é composta por menos equipas – são doze. Ultimamente, têm chegado muitos jogadores estrangeiros a Portugal, e começam a “sobrar” muitos jogadores bons portugueses. E para onde é que eles vão? Para a II Divisão Nacional. A II Divisão Nacional está fortíssima, está num nível altíssimo. Na I Divisão temos três equipas com um investimento tremendo e as outras; na II Divisão não – há um equilíbrio tremendo e depois há aquelas equipas com pouco investimento, mas que estão lá, como é o nosso caso. Os nossos jogadores foram quase todos formados cá, tirando dois ou três. Mas há equipas que estão fortíssimas. Recentemente, jogamos com o Marítimo que tem muitos jogadores do Brasil e outros tantos do Porto, amigos meus. E são profissionais, para se ter ideia da dimensão. Neste campeonato, cada jogo é uma final. É mesmo assim.

Quem não acompanha o futsal pode não ter a perceção do quão disputada é a II Divisão.

Há dois anos, a II Divisão Nacional tinha 84 equipas. Havia muitas séries. Agora são 24. Daí que também tenha sido criada a III Divisão.

Atendendo a tudo isso, o trabalho desenvolvido pela secção de futsal para manter uma equipa que não é profissional, numa divisão cheia de equipas com grandes investimentos, é realmente notório.

Sem dúvida. As pessoas que trabalham no Paços não nos faltam com nada. São acolhedoras, humildes, trabalhadoras e gostam verdadeiramente do clube. Para mim esta é a grande diferença entre o Paços e os clubes onde estive. Nota-se que as pessoas gostam do clube, lutam pelo clube e a nossa obrigação é lutar por eles, porque eles estão connosco sempre. Nós jogamos, mas eles também jogam. Por detrás do jogo há outras coisas e, como referi, não nos faltam com nada. Temos tudo e só temos de retribuir ganhando jogos.

O que é que ainda gostarias de ver aqui no Paços? Mais adeptos presentes nos jogos?

Acho que se estivéssemos na I Divisão isso chamaria mais adeptos, mas muitas pessoas ainda não conhecem o futsal e só acompanham o futebol. Claro que gostávamos de ter o pavilhão cheio, é sempre uma força extra. No ano passado, ainda dei uma ajuda na Equipa B, na parte final, e nunca vi tanta gente no pavilhão como no jogo com o Aves – tanto lá como aqui. Sem dúvida que isso é uma força tremenda. Ter as pessoas a cantar pelo clube dá outra motivação, começamos logo o jogo a ganhar. Claro que gostava que fossem mais adeptos aos nossos jogos, mas nós também temos de chamar por eles, temos de ganhar jogos e lutar pela subida.



Passemos agora para fora das quatro linhas. Neste momento, concilia o trabalho com os treinos e os jogos. Como é gerir tudo?

É sempre a correr, mas quem corre por gosto não cansa e eu faço qualquer coisa para estar aqui presente, porque gosto de estar aqui. Quando se gosta não é esforço, é dedicação. Eu gosto de jogar futsal, gosto do clube, gosto das pessoas. Não é esforço. No meu dia a dia, estou a trabalhar e sei que à noite vou estar com os meus amigos, com as pessoas de quem gosto, e vou fazer aquilo que mais gosto de fazer. Só isso dá-me logo toda a força para vir. Tudo é recompensado. Sinto-me bem no Paços e espero ficar aqui muitos anos.

E como é que vês o crescimento da modalidade a nível nacional?

Sempre gostei de ver futsal. Gosto muito de ver desporto, e claro que gosto de acompanhar a modalidade que pratico, de estar a par das coisas e de acompanhar a seleção, que tem ganho títulos mundiais e europeus. Isso é bom para nós, porque eleva a fasquia da modalidade em Portugal e ficamos mais bem-vistos lá fora.

Enquanto atletas, sentem que a modalidade acaba por ser mais valorizada após essas conquistas?

Sim, nota-se que têm dado mais valor ao futsal desde esses momentos. A cada ano que passa, a situação melhora. No fundo, as conquistas da seleção acabam por influenciar toda a aposta que vem a ser feita na modalidade, porque também os jogadores estrangeiros passam a olhar para Portugal como um país mais desenvolvido no futsal – acham que é bom vir para cá, um país campeão europeu e mundial, para praticar a modalidade e elevar as carreiras.

Quais são os teus sonhos para o futuro?

O meu sonho é jogar pelo Paços na I Divisão. Depois disso, logo se vê.

Uma mensagem para os adeptos.

A equipa de futsal dá tudo pelo clube, morre em campo pelo clube, e nunca vos vamos deixar ficar mal. Mesmo quando perdemos jogos, não deixamos de lutar. Acima de tudo está o símbolo, e nós jogamos por nós e por vocês, Pacenses. Venham ver-nos jogar!





ADVERSÁRIO DE HOJE
VITÓRIA SC
FUNDAÇÃO: 22 DE SETEMBRO DE 1922
PRESIDENTE: ANTÓNIO M. CARDOSO
TREINADOR: MORENO
ESTÁDIO: D. AFONSO HENRIQUES
LOTAÇÃO: 30000 LUGARES



Depois de dois empates a uma bola – com o CD Santa Clara e o FC Arouca – os Castores avançam para a nona jornada da Liga Portugal Bwin conscientes de que é preciso somar mais e focados nesse mesmo objetivo. Há três pontos em jogo esta noite, na receção ao Vitória SC. Três pontos que equipa e adeptos querem conquistar!

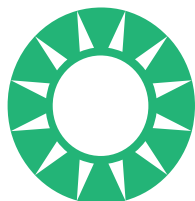
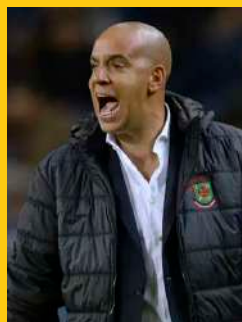
HISTÓRICO DE CONFRONTOS

49 JOGOS



Nos últimos anos, as direções vimaranenses têm-se mostrado atentas ao trabalho feito pelos técnicos que passam pela Mata Real – e Paulo Sérgio, Rui Vitória e Pepa são exemplos disso. Paulo Sérgio, que conduziu os Castores à final da Taça de Portugal 2008/09, foi contratado pelo Vitória SC no decorrer da temporada seguinte. Rui Vitória, depois de levar o conjunto pacense à final da Taça da Liga 2010/11, seguiu o mesmo caminho no início de 2011/12. Já Pepa, que orientou a equipa até aos lugares da Conference League em 2020/21, rumou a Guimarães após o fecho dessa época desportiva.

CURIOSIDADE



SOLVERDE.PT



GAITÁN evidenciou-se no último jogo com o regresso aos golos com a camisola do Paços.

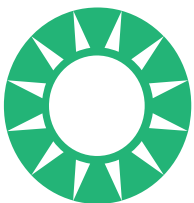
GUARDA-REDES	GUARDA-REDES
JORDI 1	14 BRUNO VARELA
JOSÉ OLIVEIRA 24	61 ANTAL BENCZE
IGOR VEKIC 88	63 CELTON BIAI
DEFESA	DEFESA
NUNO LIMA 3	2 MIGUEL MAGA
PEDRO GARCAS 4	3 VILLANUEVA
ANTUNES 5	5 HELDER SA
DELGADO 15	13 ANDRÉ AMARO
LUIS BASTOS 20	25 RYOTA OGAWA
JORGE SILVA 21	36 MAXWELL WOLEZDI
ERICK FERIGRA 23	44 JORGE FERNANDES
VIGARIO 27	50 JOAO RICCIOLLI
FERNANDO FONSECA 29	72 AFONSO FREITAS
FLAVIO RAMOS 32	76 BRUNO GASPAR
VASCO SOUSA 33	83 TOUNKARA
TIAGO ILORI 34	MÉDIOS
MÉDIOS	8 TOMÁS HANDEL
JORDAN 6	10 TIAGO SILVA
ABRÁS 8	21 ANDRÉ ANDRÉ
NICO GAITÁN 10	22 IBRAHIMA BAMBA
BASTIEN TOMA 14	23 MATHEUS INDIÓ
WACHOI 16	28 ZÉ CARLOS
LUÍZ CARLOS 22	80 DANI SILVA
ROI PIRES 26	88 NICOLAS JANVIER
AVANÇADOS	AVANÇADOS
NIGEL THOMAS 7	7 RUBEN LAMEIRAS
WILTON 9	9 ALISSON SAFIRA
KAYKY 11	11 JOTA SILVA
ARTHUR SALES 13	15 ANTONIN CORTÉS
ADRIAN BUTZKE 17	17 ANDRÉ SILVA
N'ORI KOFFI 19	20 NELSON DA LUZ
MAURO COUTO 41	33 ANDERSON
	47 JASON BANHAMBOULA
	87 JOTA PEREIRA
	90 MIKEY JOHNSTON



BAMBA tem-se destacado ao serviço do Vitória neste arranque de temporada.

O ÚLTIMO JOGO DO VITÓRIA SC

O Vitória SC recebeu o SL Benfica na última jornada, e foi a primeira equipa a travar o líder do campeonato, que ainda só conhecia o sabor da vitória nesta temporada. Em Guimarães, o marcador não se alterou ao longo dos 90 minutos [0-0], com os vitorianos a registarem o segundo empate consecutivo. O «onze» escolhido por Moreno era composto por Bruno Varela, André Amaro, Ibrahima Bamba, Mikel Villanueva, Zé Carlos, Tiago Silva, André André, Afonso Freitas, Jota Silva, Anderson Oliveira e Nelson da Luz.



SOLVERDE.PT

“MATA REAL”: OS 49 ANOS DA CASA DA FAMÍLIA PACENSE

É a casa de todos os pacenses, o lugar que vê a família a crescer todos os dias, o palco de grandiosos momentos. Não é o “centro das operações” do FC Paços de Ferreira desde a sua fundação, mas é o espaço que o tem visto a acompanhar a mudança – mudando também – há quase meio século. O Estádio Capital do Móvel celebra 49 anos.

MUDANÇA A QUANTO OBRIGAS... E AINDA BEM

No início da sua história, era para o antigo Campo da Cavada que o FC Paços de Ferreira arrastava multidões, e foi por lá que todos assistiram à sua ascensão da III à I Divisão Regional. Até que numa Assembleia Geral, em julho de 1969, foi comunicado aos sócios que Dom José de Lencastre e sua esposa, proprietários do terreno onde se situava o Campo da Cavada, tinham movido uma ação judicial reivindicando a entrega do mesmo. As duas partes chegaram a um entendimento sem intervenções externas, e em fevereiro de 1972, numa nova Assembleia Geral, foi anunciado que as obras do futuro campo da Ponte de Real começariam em breve.

1969

1973

UM CAMPO “REBATIZADO” NO DIA DA INAUGURAÇÃO

Cerca de seis mil pessoas não quiseram perder a inauguração oficial do Parque de Real. Decorria o dia 7 de outubro de 1973, havia foguetes e fanfarra, e depois da cerimónia inaugural ia jogar-se a terceira jornada do Campeonato Nacional da II Divisão – Zona Norte entre o FC Paços de Ferreira e o SC Vianense. Chegado o momento do discurso, Pinto de Almeida, presidente da Câmara, referiu-se à localização do novo estádio como Mata de Real em vez de Ponte de Real – e a denominação pegou. Atualmente, e apesar de ter agora o nome de Estádio Capital do Móvel, ainda é por “Mata Real” que o recinto é reconhecido por todo o país. E já que se falou no jogo: 0-0 foi o resultado final do encontro que teve uma receita recorde a rondar os 90 contos.



MELHORIAS PARA ACOMPANHAR O CRESCIMENTO

1974-2000'S

Pouco mais de um ano depois, em dezembro de 1974, foi inaugurada a iluminação elétrica. Na altura, eram 48 projetores distribuídos pelas quatro torres – uma quantidade reduzida, quando comparada com os 164 que existem atualmente. Também nessa época foi construída a bancada coberta, e duas temporadas depois foi aprovada pelos sócios a construção da bancada lateral, dos novos balneários e do posto médico.

O primeiro arrelvamento do campo aconteceu em 1982/1983, e dez anos depois voltaram a verificar-se novas intervenções de remodelação e valorização. Com o FC Paços de Ferreira na Primeira Liga, foi criada uma Sala de Imprensa, um gabinete para a equipa técnica, o acesso direto aos camarotes, a habitação para o “guarda do campo” e o arrelvamento do campo de treinos.

Após a subida de 1999/2000, foi necessário satisfazer novas exigências – criou-se uma nova entrada principal do estádio, na qual se incluíram novos gabinetes de trabalho, uma nova sala de imprensa e uma nova sala de troféus.

2013-2018

AS ÚLTIMAS INTERVENÇÕES

A temporada 2013/2014 ficou marcada pela inauguração da nova Bancada Central, construída de raiz, que alberga também os novos camarotes. Além disto, foi colocado um novo relvado natural com as dimensões oficiais da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (105x68).

A Bancada Topo Nascente foi a última a ser construída, sendo por isso a mais recente. Inaugurada em março de 2018, alberga os balneários da equipa profissional e da equipa visitante, salas para equipa técnica, staff e Castor Lab, posto médico, lavandaria, sala de conferências, ginásio e refeitório, e tem capacidade para 2610 lugares.





O FUTURO?

Passa por continuar a crescer. Sempre de uma forma ponderada e ajustada às realidades que o clube vai atravessando. A cada ano, novas necessidades vão surgindo e é a pensar nelas e no futuro que se vão realizando novas intervenções, fazendo do Estádio Capital do Móvel um recinto desportivo cada vez mais valorizado.

E não faltam exemplos recentes dessas alterações pontuais que adaptam o estádio às exigências do futebol moderno: a ampliação e melhoramento da área destinada à comunicação social para que possam desempenhar as suas funções com mais dignidade, a substituição do ecrã gigante e do sistema de som para melhorar a experiência dos adeptos em dia de jogo, a criação de uma nova sala de CCTV e comando de emergência na Central Cativa para melhorar a segurança, a renovação dos projetores de iluminação são disso exemplo.

Mas as melhorias continuam e a breve prazo o Estádio Capital do Móvel será equipado com um novo gerador energético e o sintético n.º 1 será substituído por um novo sintético de última geração que permitirá à nossa formação ter melhores condições de trabalho.





Passado um ano da confirmação oficial do regresso do futebol feminino ao FC Paços de Ferreira, não restam dúvidas de que a aposta no projeto foi – e continua a ser – um sucesso. Eva Carneiro, diretora da formação pacense, destaca o trabalho desenvolvido.

Em outubro de 2021, o FC Paços de Ferreira anunciava que o futebol feminino estava de regresso à Mata Real, 40 anos depois de se ter criado a primeira equipa. A notícia foi divulgada com entusiasmo e expectativa por parte de quem lançava este novo projeto, e recebida com muita satisfação por todos aqueles que desejavam fazer parte dele – nomeadamente as jovens que procuravam aliar a paixão pelo futebol à paixão pelo FC Paços de Ferreira.

Um ano depois, Eva Carneiro, diretora do futebol feminino do emblema pacense, mostra como esta foi uma aposta ganha: “O balanço que fazemos é, sem dúvida, muito positivo, até porque 90% das atletas nunca tinha praticado a modalidade e todas tiveram uma evolução bastante significativa no decorrer da temporada”. O início daquela que era uma nova caminhada fez-se com seis meninas, mas no final do percurso – do campeonato, mais concretamente – o FC Paços de Ferreira tinha consigo 25. A abordagem feita “de forma intensiva nas redes sociais e nas escolas” foi muito importante para a captação de novas atletas, sem esquecer o “passa a palavra”, mas o destaque que tem sido dado a nível nacional e internacional ao futebol feminino é também um contributo notório para que mais jovens optem por seguir este desporto. Eva Carneiro confirma-o e salienta ainda “o interesse dos clubes, respetiva federação e associações na criação de apoios para que haja um crescimento significativo” da modalidade em Portugal.

A temporada 2022/2023 é já o foco das 32 atletas que estão a realizar os trabalhos de preparação na Mata Real. “Esta época, vamos ter duas equipas em competição: uma Sub-13 e outra Sub-17, que vão disputar os respetivos campeonatos distritais”, afirma Eva Carneiro. O arranque oficial das provas ainda não tem data marcada, mas tudo aponta para que aconteça neste mês de outubro. Seja como for, os objetivos estão traçados e passam, “acima de tudo, pela formação e desenvolvimento das atletas, sempre com espírito de conquista”. Apesar de as duas equipas já estarem definidas para a atual época desportiva, a diretora do futebol feminino esclarece que continuará em aberto a integração de “mais-valias em qualquer uma das equipas”. As atletas que possam chegar à Capital do Móvel, a mensagem a passar será a mesma que foi partilhada com as atuais jogadoras: “esforço, dedicação, humildade e aprendizagem”.

E por falar em mensagens, Eva Carneiro deixa também uma para todos os pacenses: “O que eu gostaria de dizer aos nossos adeptos é que acreditem no desporto feminino e apoiem as equipas do FC Paços de Ferreira”. O crescimento é para continuar.



RE/MAX®



UNIVERSO AMARELO

VITÓRIA FC É O ADVERSÁRIO DA TAÇA DE PORTUGAL

Um Vitória FC x FC Paços de Ferreira foi o resultado do sorteio da terceira eliminatória da Taça de Portugal, realizado na última terça-feira. Esta será a quarta vez que as duas equipas se defrontam nesta competição, depois dos oitavos de final de 1998/1999, da quinta eliminatória de 2001/2002 e dos quartos de final de 2002/2003.

A equipa de Setúbal, que atualmente milita na Série B da Liga 3, venceu em casa o GD Vilar de Perdizes (Campeonato de Portugal) por 4-0, na segunda ronda da Prova Rainha.

A partida será disputada no dia 16 de outubro às 15:00, no Estádio do Bonfim, e terá transmissão televisiva no Canal11.



MASCOTES PROTAGONIZAM AVENTURAS NO MUNDO D'O LIGAS



A segunda edição dos livros do Mundo d'O Ligas já está à venda nas livrarias, e conta com as mascotes dos clubes da Liga Portugal como protagonistas das mirabolantes histórias criadas pelo escritor Joaquim Semeano.

Os livros do Mundo d'O Ligas, para ler e colorir, têm como objetivo a promoção do fair-play, da solidariedade, da inclusão, do estilo de vida saudável e da amizade, e leva aos mais pequenos temas importantes como o combate ao racismo, à xenofobia, à intolerância e à violência. Além de serem um contributo para o desenvolvimento da atenção, do vocabulário e do raciocínio, ajudam ainda as crianças a perceber e a lidar com sentimentos e emoções, incentivando a criação de consciência para a sustentabilidade.

O lançamento realizou-se na Feira do Livro de Lisboa, mas também passou pela FNAC do Centro Comercial Colombo – local onde o Castor esteve presente e distribuiu alegria ao lado do Ligas (Liga Portugal), do Ganso (Casa Pia AC) e da Clarinha (CD Santa Clara).

Este projeto da Fundação do Futebol – Liga Portugal e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa traz também uma caixa de lápis inclusiva para daltónicos, com o sistema Color ADD. O livro pode ser adquirido na FNAC, Bertrand, Wook, Liga Portugal Store e lojaoficial.ligaportugal.pt.



FIXPAÇOS
fixing solutions



CONHECIDOS OS HORÁRIOS DA TAÇA DA LIGA

Já são conhecidas as datas e os horários dos jogos da fase de grupos da Taça da Liga Allianz Cup 2022/2023.

A competição arranca para o nosso clube no Estádio Capital do Móvel, dia 20 de novembro (domingo) às 20:15h, com a recepção à equipa do Casa Pia AC.

Na segunda ronda, a nossa equipa desloca-se à Trofa para defrontar o CD Trofense no sábado dia 03 de dezembro às 20:45h.

A fase de grupos encerra na semana seguinte em Braga, com o jogo frente ao Sporting local a disputar-se no domingo dia 11 às 19:00.

**DEFENDE O TEU LEGADO,
A TUA CIDADE,
O TEU AMARELO!**

FAZ-TE SÓCIO
SABE MAIS EM WWW.LUGARES2223.FCPF.PT

Norte Car
automóveis

ÚLTIMO JOGO

LIGA PORTUGAL **bwin**



1-1



GAITÁN 61' 84' DABBAGH

FC PAÇOS DE FERREIRA

Vekic, Delgado (88' Kayky), Erick, Flávio, Antunes, Rui Pires, Abbas, Gaitán (68' Uilton), Matchoi (88' Sales), Nigel (74' Fernando) e Adrian (75' Koffi).

FC AROUCA

de Arruabarrena, Esgaio, Opoku, J. Basso, M. Quaresma, David Simão (80' Arsénio), Soro (46' Busquets), Alan Ruiz (66' Sylla), Bukia, Mujica (66' Antony) e Vítinho (Dabbagh).

ESTATÍSTICAS

POSSE DE BOLA



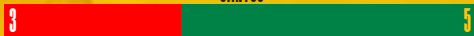
REMATES



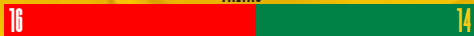
REMATES À BALIZA



CANTOS



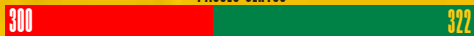
FALTAS



TOTAL DE PASSES



PASSES CERTOS



VÊ O QUE A TV NÃO MOSTRA. PELA LENTE DA FC PF TV

FC PF SIDELINE

DISPONÍVEL NO CANAL DE YOUTUBE DO FC PAÇOS DE FERREIRA







PaçoPrint
A sua marca
gráfica